

AValiação: UMA Questão Filosófica

Oswaldo Dalberio*

Para se fazer uma avaliação devem ser considerados vários elementos constituintes do processo de aprendizado. A saber: aquisição de conteúdo programático, capacidade de reflexão a partir de conceituação teórica e científica, aplicação da teoria na práxis intelectual, ou seja, na produção científica de conhecimento, auto-avaliação do processo de envolvimento no conteúdo e na reflexão filosófica.

Sabemos dos problemas enfrentados tanto pelo professor quanto pelo estudante, na aquisição de conteúdo filosófico. Primeiro é a educação global ou seja, os primeiro e segundo graus mal feitos gerando a falta de capacidade em aprofundar questões, pensar uma dada realidade e mais ainda posicionar-se frente à política, à economia, à sociedade e à própria percepção de mundo, a cosmovisão. O professor tem que assumir o papel de mágico, ao mesmo tempo transmitir conteúdo e ensinar pressupostos elementares que já deveriam ser do domínio do aluno. Partindo daí fica defasado o proces-

so de aquisição: primeiro o ensinar a pensar, segundo como pensar, o que pensar e o onde pensar. Depois temos também o desestímulo do filosofar pelas autoridades. A tecnização, a automação do homem impedindo a capacidade de reflexão crítica sobre a realidade.

Constatados esses problemas como fazer um juízo sobre o conteúdo e as habilidades? Essa é uma indagação também filosófica. Se o conteúdo transmitido é mínimo, fica uma lacuna no como avaliar. Se o programa foi cumprido então é necessário rever os caminhos e descaminhos percorridos, levando em conta que havia alguns objetivos a serem alcançados no conteúdo trabalhado. Mais ainda o conteúdo e os objetivos não são ponderáveis a curto prazo pelos instrumentos à nossa disposição.

Outro aspecto de fundamental importância é a capacidade de reflexão que o aluno adquire em aulas, ou que deveria possuir desde o início do ingresso na escola. Constatamos ao deparar com alu-

* Professor das Faculdades Integradas de Uberaba (FIUBE). O texto foi elaborado como subsídio para os debates do IV Encontro de Professores de Filosofia do Triângulo Mineiro, acontecido na UFU dia 29/11/86.

nos universitários a pequena fluência de raciocínios lógicos. Ao apresentar-lhes uma lógica nas elucubrações intelectuais ficam desanimados, sentem-se ameaçados, perdem até o gosto pelo estudo, pensam até em desistir do processo, pois segundo Paulo Freire "estão habituados à Educação Bancária". Como então podemos exigir-lhes aquilo que não nos podem dar? Parece-me um tanto complexo o fato de proporcionarmos aos nossos alunos, elementos favoráveis ao raciocínio lógico e dialético. Primeiro o como fazê-lo, segundo por que fazê-lo. Considerando que não foram treinados a abstrações torna-se dispendioso o trabalho. Isso porque, dentro de uma sociedade onde se prioriza o técnico-prático, não há espaço e nem interesse pelo estudo teórico. O que ouvimos é: "por que eu devo pensar as condições do homem se isso não muda em nada a minha vida?". Aí está nossa tarefa: frente a esses impasses desafiar a estrutura do aprendizado e alabarar uma prática pedagógica da filosofia.

No decurso do semestre ou do ano letivo devemos trabalhar o conhecimento de tal forma que possamos avaliar os elementos provocadores de raciocínio, tais como os textos originais dos filósofos como princípio de reflexão, como introdução, como exemplo para nos dirigirmos à interpretação da realidade humana inserida em um contexto existencial-social.

Ao longo do curso vai sendo trabalhado determinado conteúdo gerador da reflexão filosófica nos alunos, mas não pode ficar só nisso, é necessário fazê-los produzir. Elaborar intelectualmente uma concepção de mundo abrangente e renovadora. De forma tal que se possa perceber concretamente o resultado desse aprendizado na vida social e na participação ativa, no fluxo intelectual e filosófico. É o conhecimento se praxizando na objetividade científica.

No processo de aquisição do conteúdo o estudante deve adquirir uma capacidade de auto-avaliação: perceber onde estão as falhas e onde estão os progressos. Sentir-se sujeito e não objeto da intelectualização. Perceber-se dono de um conhecimento que possa trabalhar na mudança de postura científica. Assumir o partido da busca da verdade.

Avaliar a capacidade e competência de alguém é um pouco arriscado, visto que possamos julgá-lo a partir de características subjetivas. Por isso nos propomos a criar espaços para que o estudante se torne sujeito do aprendizado e conseqüentemente seja capaz de auto-avaliar-se. Mais precisamente: juntos professor e aluno travando um diálogo, elaborar a partir das falhas e dos progressos, novas diretrizes.

Nesse processo, devem ficar claros os critérios para saber o que avaliar, como avaliar e quando avaliar.

Claro está que, na proposta filosófica, é imprescindível o nível de argumentação do aluno nas reflexões tanto escritas como faladas. Devem estar intimamente ligadas ao imergir no conteúdo erudito, fazendo a superação do senso-comum, dando primazia à verdade científica.

Também o aluno deve possuir uma terminologia pertinente ao contexto filosófico. Para isso, sabemos da fundamental importância de leitura dos textos originais. É buscando na raiz do pensamento que podemos adquirir elementos para uma sequência lógica do raciocínio. Não obstante, teremos várias maneiras de ver o mundo nos filósofos estudados. Sendo assim, possamos dentro de um raciocínio coerente, constatar os entraves dialéticos que o homem enfrenta com o mundo e no mundo.

Daí detectarmos a capacidade do aluno em inferências originais com exemplos criativos, no discurso filosófico. Nesse exercício o educando percebe o delinear da problemática do momento histórico atual, a problemática das ciências humanas e naturais e acima de tudo, capta as forças ideológicas repressoras frente ao questionamento e o resultado do filosofar num contexto pragmático.

Pois bem, tendo claro as dificuldades encerradas na avaliação, podemos, nós professores, assumirmos uma postura crítica quanto ao nosso papel de educadores. Juntos elaborarmos diretrizes básicas para o processo de avaliação em filosofia. Não obstante à exigência gritante de filósofos, podemos fazer brilhar ainda, no escuro véu das ideologias, a luz da razão crítica e transformadora.